

VOZ de ANTAS

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

TAXA PAGA
4900
LANHESES

DIRECTOR e EDITOR
M. Brito Ferreira

ADMINISTRADOR
A. Faria

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial de
S. PAIO DE ANTAS

Redacção:
CENTRO PAROQUIAL
Telefs: 871438/871130/871357

Fotocomposição e Offset:
Tip. Diário do Minho — BRAGA

HOMENS E FACTOS

Eng.º Manuel Pacheco de Azevedo

O primeiro abalo psicológico deste ano de 1991 foi-nos dado, na manhã de 4 de Janeiro, pela notícia da morte inesperada, na cidade do Porto, do Sr. Eng.º Azevedo.



A triste nova correu célere por todos os Lugares da Freguesia e muitas das suas famílias dispuseram logo as suas vidas de forma a, nesse mesmo dia ou no seguinte, aquando do funeral, se deslocarem à igreja da Lapa, onde, em câmara ardente e em cujo cemitério, ao lado, seriam sepultados, estavam os restos mortais daquele que havia morrido com a mesma serenidade e com a mesma simplicidade com que tinha vivido os seus quase 82 anos.

Nascido a 11 de Fevereiro de 1909, seria o segundo dos quatro filhos do Sr. Alfredo Alves de Azevedo e da Sr.ª D. Isabel Coimbra Pacheco de Azevedo, uns e outros figuras muito caras também do nosso meio.

Depois de terminado o seu Curso Superior de Agronomia, especializar-se-ia em Enologia, conhecimentos que viria a exercer, essencialmente e durante 28 anos, nos Laboratórios do Instituto do Vinho do Porto.

Dado o seu temperamento activo e diligente, mesmo depois da sua reforma há 22 anos, ele continuou a fazer uso do seu saber não só

a nível particular mas ainda em Empresas Comerciais, nomeadamente na Agência Comercial de Anilinas, sita na cidade onde ele era natural.

O seu casamento a 21/12/35 com a, de todos nós muito querida, Sr.ª D. Colombina Adélia Picco Cardoso Azevedo (de origem materna italiana) garantiria, também ele, não só a continuidade da família através dos seus quatro filhos — João, Isabel, Manuel e Miguel — como asseguraria igualmente, entre nós, os velhos laços que unem amigos e fortalecem raízes velhas de várias gerações.

Com efeito, se há Famílias que merecem a estima e consideração das gentes de S. Paio, a Família Azevedo ocupa, sempre e indubitavelmente, um dos lugares mais elevados numa escala relativa que cada um, a seu gosto, possa traçar...

Há quase século e meio, nasceu na nossa Terra o avô paterno do Sr. Eng.º Azevedo, o Homem em quem se personificaria uma das famílias mais antigas e numerosas da nossa aldeia. Enquanto outros contemporâneos seus tentaram a «sorte» em novos Continentes, o, então, jovem Manuel Alves de Azevedo procurou-a e encontrou-a na vizinha capital do Norte.

A sua proximidade, quer pelo sangue quer pelo espaço, fez com que ele e, mais tarde, todos os seus se mantivessem intimamente ligados às origens e sempre presentes em horas de dificuldade, fossem elas individuais ou colectivas.

Hoje, felizmente, não nos apercebemos tanto do valor dessas pessoas amigas radicadas nos grandes centros onde, então, funcionavam quase exclusivamente e só ao

(Continua na Pág. 4)

OS NOSSOS CAMINHOS TÊM HISTÓRIA

A ESTRADA DE BELINHO

A primeira notícia que nas Actas da Junta da Freguesia se referem à estrada de Belinho é do ano de 1938. Na reunião de 30 de Outubro desse ano, a Junta informava sobre a entrega da quantia de 500\$00 que a Câmara dera para o pagamento das despesas feitas com a reparação da estrada que vai para a casa de Belinho.

No ano seguinte, 1939, o ofício n.º 8322, processo n.º 211 EE da Direcção dos Serviços de melhoramentos rurais, apresentava a elaboração de um projecto para a reparação do caminho do lugar de Belinho. Na sua reunião de 15 de Outubro desse ano, a Junta tomava conhecimento desse projecto. O Estado participava com 19.243\$00 para as obras a efectuar nesse caminho.

Na sua reunião de 30 de Outubro, a Junta deliberou «agradecer ao Ministro

das Obras Públicas e Comunicações, manifestando-lhe o reconhecimento de todo o povo desta freguesia por tão grande benefício, atendendo à necessidade de efectuar com urgência esta obra em virtude do estado lastimável em que se encontra o referido caminho e também porque com esta obra veio trazer o pão a muitos famintos».

A 15 de Novembro, a Junta decidiu abrir concurso de empreiteiros para as obras, pois não tinha meios financeiros para o fazer directamente. O empreiteiro escolhido veio a ser o sr. José Neiva de Castro, de Forjães, pela importância concedida pelo Estado; o transporte dos materiais deveria ser feito a expensas da Junta da Freguesia.

Por falta de transporte, em Março de 1940, o caminho encontrava-se ainda bastante atrasado, pelo que a Junta decidiu acelerar as obras.

O Cruzeiro da discórdia

Foi durante estas obras que, atendendo ao estado de ruína em que se encontrava um cruzeiro, situado ao lado poente do caminho, mal cuidado e cheio de silvas e mato e porque a sua presença estorvava as obras em curso, a Junta resolveu na sua reunião de 30 de Maio transportar o cruzeiro para local mais conveniente. «Foi por isso deliberado, reza a acta, e aprovado unanimemente que o dito cruzeiro fosse dali retirado o mais cedo possível e colocado no terreno junto do cemitério, visto ser este mesmo terreno propriedade da Junta da Freguesia. Foi lembrado então que a mudança do cruzeiro se efectuasse com urgência, servindo o cruzeiro para perpetuar a data histórica da fundação e restauração de Portugal», que naquele ano se comemorava com festa centenária em Portugal.

(Continua na Pág. 3)

Actualização dos Estatutos das Confrarias

Na sequência do Concílio Vaticano II, e depois da publicação do novo Código do Direito Canónico, a Conferência Episcopal Portuguesa, determinou que todas as Associações de Fieis, têm que apresentar novos Estatutos, afim de serem novamente legalizadas, pois caso o não façam ficam em situação irregular, e correm o risco de deixarem de existir.

Na nossa Arquidiocese foi fixado o próximo mês de Março, como data limite para a apresentação da nova

versão dos Estatutos das Confrarias, Irmandades, e outras associações de fieis abrangidas pela nossa legislação. Na parte que nos diz respeito, devemos dizer que estão a ser ultimados os trabalhos de redacção dos da nossa Confraria do Santíssimo, para serem revistos pela competente autoridade diocesana, antes da sua aprovação; pelo que em breve será dado conhecimento público das normas por que a mesma Confraria se vai reger, e das alterações que a nova legislação obriga a fazer.

No próximo número serão publicadas as contas da:

- Esmola do ovo.
- Comissão Fabriqueira.
- Associação do S. C. de Jesus.

Mário Soares continua Presidente da República

Nas eleições de 13 de Janeiro foi reeleito, como se previa, o Dr. Mário Soares. Apoiado pelos dois maiores partidos nacionais e por muitos outros votantes, conseguiu uma superioridade eloquente sobre os seus opositores, Dr. Basílio Horta, Dr. Carlos Carvalhas e Eng.º Carlos Marques.

No entanto o absentismo foi muito grande, chegando a atingir nalguns lados quase metade da população eleitora...

Cá, em Antas (S. Paio) o resultado das eleições foi o seguinte:

Mário Soares.....	794
Basílio Horta.....	123
Carlos Carvalhas.....	33
Carlos Marques.....	20
Nulos.....	13
Branco.....	18

Queremos mais. Sempre mais.

JOVENS EM CAMINHADA

Cá estamos de novo. Sempre. Nos dias que passam, que passaram, move-mo-nos para o sempre mais, e marcamos Encontro. Encontros alegres.

Os Jovens em Caminhada, nas suas reuniões habituais, reservam um espaço de reflexão, partilha e formação debatendo temas de interesse na experiência pessoal e consolidação de um grupo. Um grupo que sonha, sem dúvida, e quer sempre mais. Desta vez, foram temas como «a psicologia da experiência vivida (infantil e da adolescência) e a sua influência no comportamento da pessoa», bem como o «namoro».

Alguns membros do grupo, participaram recentemente num encontro de formação de jovens em Apúlia. Certamente, uma experiência enriquecedora para essas jovens e para o grupo.

Das muitas actividades propostas e que estão a ser consideradas e ponderadas pelo grupo, salientamos conhecimento mais tarde. Por enquanto, adiantamos a celebração da Comissão Pascal no dia 23 de Março, no Passeio da Comunidade, um dia de Convívio e partilha para toda a Comunidade marcado para o dia 14 de Julho. As outras actividades serão divulgadas oportunamente.

Cá estamos de novo. Os projectos sucedem-se. É necessário valorizá-los, manifestamos na sua realização aquilo que nos move e intimida. «Quem se sente feliz não progride». É apático. Para passar à fase da Posteridade impõe-se alcançar o vertiginoso coner do expresso da Originalidade; quem não se resolver a mudar para o supracitado expresso, prefere um descarrilamento à secamente expectativa de ficar eternamente parado na concorridíssima estação da Vulgaridade.

A MINHA ALDEIA — S. PAIO DE ANTAS

Das janelas, vejo o mar,
Das varandas, vejo os montes,
Quando saio a passear...
Que gosto o cantar das fontes.

Fonte que matas a sede
Ao lavrador fatigado,
Ao lado tens a ribeira
Onde vai beber o gado.

Ribeira, tu és o leito
Da água pura das fontes,
Que vais seguindo para o rio
E vens da encosta dos montes.

Até chegares ao rio,
Nas margens vais encontrar
Bastantes moças bonitas,
Debruçadas a lavar.

Logo abaixo está o rio
A cantarolar baixinho:
Corre depressa, ribeira,
Que o moleiro está esperando
Que lhe movas o moinho.

No rio passa um velhinho
Vai alegre e a cantar:
Anda depressa, barquinho,
Mais além te espera o mar

Que vaidosa és, minha aldeia.
Tens de que o ser com certeza,
Pois tudo em ti é beleza:
Tens o rio, tens os montes,
Tens a praia, tens as fontes,
Tens muito da Natureza...

Ermelinda Pereira de Sá

O futuro passa pela família que reza

«O nosso futuro, o futuro de Portugal, o futuro da Europa e o futuro do Mundo passa pela família, pela família que reza. Que a cultura lusitana continue a irradiar nos novos mundos o amor à família e o amor à oração».

«A oração dá sentido, dá significado à nossa existência. A vida de cada um de nós nunca será estéril se alimentada pela oração. Rezar não é perder tempo; rezar não é isolar-se dos problemas do mundo; rezar não é procurar esquecer as responsabilidades próprias», disse.

Por isso, «a oração enquadra todas as nossas actividades em comunhão com Deus criador, dá-lhes a dimensão profunda da vida espiritual, característica do ser humano».

O casal cristão tem assim um papel insubstituível na vida de oração em família, pois «aos pais é confiada a missão de introduzir os filhos na descoberta progressiva dos mistérios de Deus e na oração».

Vila Chã

5 de Janeiro: Mário Neiva Viana, 30 anos, filho de Manuel Fernandes da Cruz Viana e de Clara da Cruz Viana, residente no L. de Azevedo com Margarida Maria Ferreira Barbosa, 24 anos, filha de Moisés da Silva Barbosa e de Maria de Lurdes Gonçalves Ferreira.

Fonte Arcada (Póvoa de Lanhoso)
2 de Fevereiro: Ildio Augusto e Ermelinda Maria Cândida Martins de

Sá, filha de Albino Pereira e Sá e de Maria da Cunha Alves Martins.

O enlace matrimonial teve lugar na Igreja da terra do noivo, no dia de aniversário natalício da mãe da noiva, solenizado pelo Coral Juvenil de S. Paio d'Antas.

5 de Janeiro: Hélder Rui Silva de Sá, 24 anos, filho de José Maria Ribeiro de Sá e de Maria Leite Pereira e Silva, S. Romão do Neiva com Rosa Maria Viana da Cruz Dias, 20 anos de idade, filha de Joaquim Augusto da Costa Cruz Dias e de Maria Arminda da Cruz Viana. Foram padrinhos:

Manuel da Costa Cruz Dias e Maria Carla Prado Barata Pinto Cardoso.

20 de Janeiro: Diogo Manuel Ferreira Borges de Azevedo, 26 anos, filho de José Augusto Borges de Azevedo e de Maria Madalena Fernandes Ferreira Borges de Azevedo, residentes no Loteamento do Pinheirinho, Esposende, com Virgínia de Lurdes Pinto Machado, 22 anos, filha de José Fernando Machado e de Emília da Conceição Alves Pinto, residentes na Avenida Valentim Ribeiro, Esposende. Realizou-se o enlace matrimonial na Capela de Santa Tecla. Testemunharam o enlace matrimonial: João Manuel Reis de Carvalho e Anabela da Quinta Dias.

Que a União e o Amor lhes proporcione um percurso de felicidade de realização das aspirações desejos e projectos comuns, no seio da família.

Ofertas para as Obras Paroquiais

Em Sufrágio das Almas do Purgatório — Azevedo — 5.000\$00; Isaura Correia — Monte — 2.000\$00; Maria de Lurdes Rodrigues Laranjeira — Forjães — 5.000\$00; Domingos Rodrigues da Silva e Esposa — Cima — 100.000\$00; Augusto Caseiro — Guilheta — 5.000\$00; Fernando Torres dos Santos — Guilheta — 30.000\$00; Alice Meira de Brito — Sufça — 5.000\$00; Manuel Fernandes Lopes — França — 10.000\$00; Manuel Gonçalves Portela — Guilheta — 6.000\$00; António de Rego Vieira e Maria de Lurdes — França — 5.000\$00; Manuel Augusto Sampaio da Cruz e Amélia Barros — França — 5.000\$00; Amélia da Cruz Sá — Bélgica — 4.320\$00; Anónimo — Monte — 10.000\$00; Anónimo — Monte — 1.000\$00; Dinheiro encontrado — 500\$00; José Gonçalves Portela — Guilheta — 1.000\$00; António Xavier da Costa — Estrada — 1.000\$00; José Pires Alves Rolo — França — 10.000\$00; Manuel Martins da Silva — Pereira — 5.000\$00; Manuel Cândido Pires Laranjeira — Monte — 5.000\$00; Ana da Silva — S. Romão — 2.500\$00; Maria Dias — Azevedo — 10.000\$00; Maria Gonçalves — Belinho — 1.000\$00; Jovens de Azevedo — Azevedo — 1.500\$00; Anónima do Lugar de Belinho — Belinho — 20.000\$00; Ana Teixeira Jaques — Monte — 5.000\$00; Benvenida Freire Quião — Guilheta — 1.000\$00; António de Matos Rolo — França — 5.000\$00.

(Continua)

Que Deus duplique os bens de quem dá com generosidade!

Frente Solidária

Família de Manuel Pacheco de Azevedo — Porto	1.000\$00
Maria Augusta Faria da Costa (Ribeirinho) — Belinho	1.000\$00
Família de Cândido Pires Laranjeira — Azevedo	1.000\$00
Anónimo — Azevedo	1.500\$00
Carlos Augusto Ferreira Ledo — Barqueiros	500\$00
Amândio Afonso Sampaio — Pereira	500\$00
Domingos Martins Ledo — Belinho	500\$00
Manuel Gonçalves Pereira — Azevedo	500\$00
Maria de Fátima Meira Gonçalves — Corroios	1.500\$00
Manuel Gonçalves Neiva Novo — Estrada	600\$00
Manuel Gonçalves Cardante — Belinho	600\$00
Sérgio Portela — França	1.000\$00
Manuel da Costa Azevedo — Azevedo	600\$00
Bernardo de Azevedo Viana — Pereira	700\$00
Mário Fernando Gonçalves Viana — Sufça	1.000\$00
Fernando Queirós Gonçalves — Monte	700\$00
Sebastião Viana Alves — Monte	1.000\$00
Manuel Martins de Abreu — Belinho	600\$00
António Viana Caramalho — Guilheta	600\$00
Maria Gonçalves — Belinho	500\$00
Maria de Lurdes Alves Rolo — Famalicao	1.000\$00
Amadeu Fernandes da Silva — França	1.000\$00
Beatriz Eiras da Silva — Belinho	2.000\$00
Basílio da Cruz Neiva — Azevedo	1.000\$00
Manuel da Cunha Neiva — Montijo	1.000\$00
Manuel Gonçalves Couto — Guilheta	1.000\$00
Domingos Alves Rolo Viana — Azevedo	1.000\$00
Amélia Pires Laranjeira — Belinho	1.000\$00
David Gonçalves Caramalho	600\$00
Cândida Rodrigues Meira — Estrada	1.500\$00
Maria Martins — Porto	600\$00
Fátima da Guilhermina — Estrada	600\$00
Manuel Pires — Guilheta	700\$00
José Caramalho Pires — Canadá	1.000\$00
Mário da Silva Meira — Guilheta	1.000\$00
Família de Ludovina Gomes de Matos — Monte	1.000\$00
Alice Meira de Brito — Sufça	3.000\$00
Manuel Gonçalves Neiva (Dazepha) — Pereira	600\$00
Manuel Fernandes Lopes — França	1.500\$00
Manuel Martins Ledo (Cidral) — Belinho	1.000\$00
Domingos Alves da Cunha — Belinho	1.000\$00
Lúcia Ferreira Ledo — Belinho	1.000\$00
José Xavier da Costa — Estrada	600\$00
Silvária Gonçalves da Silva — C. Neiva	2.000\$00
Maria do Céu Laranjeira Alvarães — Brasil	1.100\$00
Maria Rodrigues Meira — Guilheta	600\$00
Laurinda Fernandes de Carvalho — Estrada	600\$00
Manuel Fernandes Pereira de Carvalho — Lisboa	600\$00
José Jaques Vieira — Cima	1.100\$00
Domingos Ribeiro Loureiro — Monte	750\$00
António Gonçalves Loureiro — Arcozelo	750\$00
Domingos Ferreira da Silva — Vila Nova de Gaia	600\$00
Franklin Fernandes da Costa — Porto	600\$00
Carlos Gomes da Silva — Lisboa	600\$00
Fernando Martins da Costa — Pereira	600\$00
Laurinda Fernandes de Azevedo — Azevedo	600\$00
Maria Cândida de Sá Portes — Mazarefes	1.000\$00
Maria Acilda Azevedo — Monte	700\$00
Manuel Viana Caramalho — Guilheta	600\$00
Família de Manuel António Mendanha Martins — Forjães	2.500\$00
Domingos Viana Lajoto — Monte	1.000\$00
Cândido Ribeiro Coutinho — Belinho	500\$00
Gracinda Pedreira Rodrigues — Guilheta	600\$00
Serafim Martins Vitorino — Lisboa	500\$00
António de Matos Rolo — França	5.000\$00
Maria Celina da Cruz Azevedo — Azevedo	600\$00
José de Sá — Guilheta	600\$00
António da Cunha Novo (Calisto) — Anha	1.000\$00
António Gonçalves da Costa — Belinho	600\$00
Manuel de Jesus Vilarinho — Porto	1.000\$00
João de Jesus Vilarinho — Porto	1.100\$00

(Continua)

A Administração agradece

A morte marcou encontro

Ludovina Gomes de Matos

No dia 7 de Janeiro, faleceu em sua casa no lugar do Monte, Ludovina Gomes de Matos.



Filha de Francisco Pires Laranjeira e de Maria Gomes de Matos, nasceu no lugar do Monte em 1909. Com seus pais se criou e viveu enquanto criança, e logo que atingiu a idade adulta trabalhou como criada de servir em várias casas de lavoura. Casou com Manuel Xavier da Costa e fixaram residência no lugar do Monte. Mãe de 6 filhos — António, Anselmo, Lurdes Maria, Lucília e Albertina, a quem apresentamos as nossas condolências, bem como a seu marido.

Que Deus lhe dê a recompensa dos seus trabalhos.

Manuel Vieira da Costa Portas

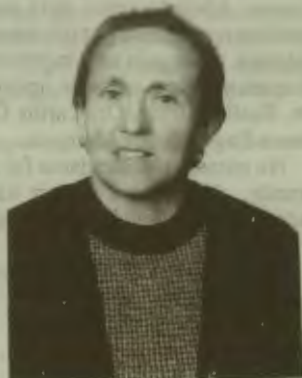
No dia 27 de Dezembro, faleceu em França — para onde tinha emigrado — Manuel Vieira da Costa Portas. Filho

de António da Costa Portas e de Alcinda Pires Vieira, nasceu no lugar do Monte no ano de 1933; com seus pais se criou e viveu até à data do seu casamento em S. Romão do Neiva. Para lá foi residir, emigrando depois para França com a esposa e os filhos, onde passaram a viver e onde a morte o veio surpreender.

Que Deus lhe dê o eterno descanso.

D. Cândida Dias Ferreira

Faleceu no dia 30 do passado mês de Novembro, no Hospital Distrital de Viana do Castelo, com 77 anos de idade, a sr.ª D. Cândida Dias Ferreira, filha de José António Alves da Cruz e de Albina Dias Ferreira, natural desta freguesia, da qual se ausentou após o casamento com Albino Pires Laranjeira, também filho desta terra e à qual regressou após a morte, por sua última vontade, sendo sepultada no cemitério local.



Não deixou fortuna, mas sim, amor, humildade, respeito, 3 filhos, 9 netos e 1 bisneto.

Era irmã de D. Beatriz, D. Olinda e D. Irene Ferreira.

Paz à sua alma.

(A referência da notícia alusiva ao seu falecimento veio no último n.º do jornal).

D. Deolinda dos Anjos Peixoto Lima



No dia 4 de Janeiro, faleceu em sua casa no lugar do Monte, Deolinda dos Anjos Peixoto Lima. Natural de S. Romão do Neiva, onde nasceu em 1940. Era filha de José Joaquim Rodrigues Lima e Silva e de Maria Mendes Peixoto.

Com seus pais viveu, até ao seu casamento com José Alves da Cruz Viana, vindo então residir para a nossa freguesia. Mãe de 5 filhos, alguns ainda crianças, foi acometida de doença que não perdoa e apesar de vários tratamentos efectuados, não impediram a progressão da doença e por fim o desenlace fatal.

A seu marido e filhos apresentamos os nossos pêsames, e rogamos a Deus para que lhe dê a recompensa dos seus trabalhos e sofrimentos.

Festa do Menino

BALANÇO

Receltas:

Peditório, 124.936\$00; Missas (ofertas), 66.593\$00. Total: 191.535\$00.

Despesas:

Jantar no fim do peditório, 10.057\$00; Material eléctrico, 7.377\$00; Material (diversos), 7.243\$00; Foguetes, 45.000\$00; Grupo Coral, 15.000\$00; Sacristão, 10.000\$00. Total: 94.677\$00.

Saldo: 96.858\$00.

O saldo da festa do Menino foi entregue à Comissão Fabriqueira.

Bem hajam.

Nova ponte em Fão

Vai custar 500 mil contos e já foi entregue ao consórcio Fecnopul Sopol a sua construção.

Terá 252 m de extensão com um viaduto de acesso a sair da ICI até à EN 13 entre a Apúlia e Castelo de Neiva.

Já devia ter sido iniciada há mais tempo, mas houve e continua a haver... dificuldade com os proprietários dos terrenos a adquirir. A obra arranca, já que o tribunal vai julgar a pendência.

BOVINA

Valores da avaliação de 19 de Janeiro de 1991

Por Lugares:

Azevedo, 8.540 contos; Guilheta, 7.420 contos; Belinho, 4.065 contos; Monte, 3.065 contos; Estrada, 2.033 contos; Pereira, 995 contos e Igreja, 600 contos.

Total 26.709 contos.

Prejuízos durante o ano de 1990:

A José Pedreira Rodrigues em 10/2/90, 20.000\$00; a Manuel Gregório em 8/4/90, 65.000\$00; a Celina da Costa Azevedo em 18/4/90, 35.000\$00; a Manuel Gonçalves Couto em 16/7/90, 145.000\$00; a Raúl Laranjeira de Barros em 16/7/90, 20.000\$00; a Manuel Azevedo Viana em 18/7/90, 20.000\$00; a Manuel do Val Vitorino em 25/7/90, 20.000\$00; a António Rodrigues Maia Viana em 19/8/90, 20.000\$00; a José Maria Rolo em 8/9/90, 20.000\$00; a Manuel Augusto Viana Martins Meira, 20.000\$00; a Avelino de Almeida Torres Neiva em 29/10/90, 20.000\$00; a Manuel Gonçalves Neiva (Azenho) em 29/10/90, 23.000\$00 e a Aurora Dias da Cunha em 14/12/90, 70.000\$00.

Total dos prejuízos 498.000\$00.

A Direcção

OS NOSSOS CAMINHOS TÊM HISTÓRIA

• Vem da 1.ª pág.

A verdade é que esta decisão que, segundo a leitura das actas parecia vir a ser pacífica, abriu um conflito entre S. Paio e Belinho, de que talvez seja interessante recordar os elementos essenciais.

O cruzeiro, segundo documento da Fábrica de Belinho, foi removido a 29 de Maio, e a 11 de Junho, a Comissão Fabriqueira de Belinho dirigiu um officio à Fabriqueira de S. Paio nestes termos: «Ex.ma Comissão Fabriqueira da freguesia de S. Paio de Antas.

A similar Comissão da contígua freguesia de S. Pedro Fins de Belinho — lamentando a infeliz ocorrência que motivou a remoção do *Cruzeiro de Belinho* (assim chamado) em 29 de Maio último, desta para essa freguesia, — tendo inúmeras provas e fundamento de que tal Cruzeiro, em uso, exercício e posse, sempre lhe pertenceu — provas e não conjecturas, nem hipóteses, como tantas vezes se aventam — as quais apresentará em defesa do seu direito, quando superiormente reclamadas — Vem pelo presente, rogar o obséquio da restituição do referido Cruzeiro de Belinho. Deus guarde V.as Ex.as. Belinho, 11 de Junho de 1940. Presidente — Padre Alves Pereira; Secretário — Manuel Fernandes Pereira; Tesoureiro — Manuel Gonçalves».

A 16 de Junho, respondia a Fabriqueira de S. Paio de Antas:

«De posse do Vosso officio com data de onze do corrente, cumpre-nos levar ao vosso conhecimento que a Corporação Fabriqueira desta freguesia nenhuma interferência teve na demolição do cruzeiro que estava situado no lugar de Belinho, e não na freguesia de Belinho, para o lugar da Igreja desta freguesia. Depois de espoliado dos degraus que lhe serviam de ornato e segurança, caso este que já então não passou sem protesto, como ameaçasse ruína, a Junta desta freguesia, tendo de proceder ao alargamento e reparação do caminho, resolveu a sua demolição. Lamenta o vosso procedimento, a falta de camaradagem e gratidão e prestará declarações quando superiormente lhe forem solicitadas e defenderá os seus direitos».

A verdade é que o caso subiu mesmo às instâncias superiores, pois a 21 de Julho, a Comissão Fabriqueira de Belinho apelava para o sr. Arcebispo de Braga. Diz o texto, arquivado, como os anteriores, no Arquivo Paroquial de S. Paio de Antas:

«A Comissão Fabriqueira da Freguesia de Belinho, arcpredada de Esposende, em nome de toda a freguesia, vem comunicar a V. Ex.a Rev.ma que, pela Comissão Fabriqueira de Antas, foi es-

polhada de um cruzeiro seu, em 29 de Maio último, que se encontrava no limite das duas freguesias, apesar de imensos protestos, que antecipadamente havia feito, ao Rev. Presidente da referida Comissão, o Rev. Presidente da de Belinho.

Ex.mo Rev.mo Senhor

Este cruzeiro pertence-nos:

1 — porque limita com outros dois que temos nos extremos dos antigos cercos, tão célebres outrora nesta freguesia;

2 — porque é igual a um destes dois cruzeiros, que agora existe no adro paroquial e tem a data de 1611;

3 — porque toda a gente, até de Antas, ao menos os anciãos, o reputavam de Belinho;

4 — porque o caminho limite da freguesia passa pelo norte do lugar onde estava o cruzeiro e nem uma única prova se pode apresentar de que em outro tempo passasse pelo sul do mesmo;

5 — porque se o cruzeiro estava voltado para Antas é porque estava voltado para o caminho limite, como convinha em razão do cerco ou procissão que pela frente dele desfilara;

6 — porque foi inventariado e arrolado pela Comissão Fabriqueira de Belinho e a esta entregue pela portaria 6321 do D. do Governo de 20 de Agosto de 1929;

7 — porque em 1921 a Junta de Belinho retirou os degraus em ruínas do dito cruzeiro para obras na sua igreja;

8 — De todas estas asserções podemos apresentar argumentos comprovativos.

Ex.mo e Rev.mo Senhor

Oficiamos reclamando à referida Comissão de Antas e foi-nos respondido que «prestaríamos declarações quando superiormente fossem solicitadas».

Também informamos que o povo de Belinho ferve de indignação pelo sucedido e pela nossa inacção até ao presente, acusando-nos de cumplicidade; a revolta está no auge e tememos qualquer conflito e disso temos sido avisados — a V. Ex.cia Rev.ma pedimos providências imediatas.

Belinho, 21 de Julho de 1940».

O despacho do Arcebispo de Braga foi o seguinte: «Comunique-se à Corporação Fabriqueira de Antas para que dentro de quinze dias alegue o que se lhe oferecer em seu favor». A. Arc. Primaz

Ainda antes de receber o despacho do prelado da diocese, já a Comissão Fabriqueira de S. Paio tinha respondido, pois que o texto que Belinho enviou para Braga tinha sido também enviado para a Fabriqueira de Antas. Diz o texto: «A Corporação Fabriqueira desta freguesia, tendo recebido um officio que a Corporação Fabriqueira de Belinho diri-

giu a V. Ex.a Rev.ma em que nos acusa de havermos esbulhado de um cruzeiro no dia 29 do mês de Maio do ano corrente, vem humildemente declarar a V. Ex.a Rev.ma que esta corporação nenhuma interferência teve na demolição do referido cruzeiro do lugar de Belinho por officio de dezasseis de Junho do ano corrente. Como o cruzeiro em questão fosse espoliado pela Junta da Freguesia de Belinho, dos degraus que lhes serviam de segurança e ornato, caso este que já então não passou sem protesto. como se prova pela acta da Junta desta freguesia; e tendo a actual Junta desta freguesia de proceder ao alargamento e reparação do caminho que passa junto do cruzeiro, como este ameaçasse ruína, resolveu deslocá-lo do lugar de Belinho para o lugar da Igreja, em terreno que lhe pertence. Todavia esta Corporação pode afirmar a V. Ex.a Rev.ma sem receio de desmentido, que não seja filho de paixão ou desejo de vingança, que o referido cruzeiro é, segundo a tradição, desta freguesia porque o caminho que limitava as duas freguesias passava pelo poente do cruzeiro, como o afirmam as pessoas mais idosas como Domingos António Meira, de noventa anos, Manuel Alvarães de oitenta e cinco anos e Manuel Gonçalves Pereira de setenta e um e Rosa Louro da freguesia de Belinho e outros. Os limites desta freguesia não eram os actuais. Facilmente se vê que os marcos foram mudados e todos sabem, por tradição, que a capela de Santo Amaro situada cerca de trezentos metros

ao sul do caminho limite foi «meeira», pertenceu às duas freguesias e ainda hoje está um marco igual aos outros da Casa de Bragança ao sul da mesma capela.

Não é verdade que o cruzeiro seja igual aos outros a que se refere a Corporação de Belinho. Nesta freguesia também se fazia o cerco como se prova pelo livro dos capítulos das «Visitações» desta freguesia, no mês de Novembro de 1790. Não é verdade que toda a gente de Antas o reputa de Belinho. Chamam-lhe de Belinho por ser do lugar de Belinho e não da freguesia — como chamam Quinta de Belinho, embora seja de S. Paio de Antas, a propriedade e casa do poeta Correia de Oliveira, e diz a Ex.ma família do ilustre poeta que ouvia dizer aos seus ascendentes que o cruzeiro em questão pertencia à capela de S.to Amador que foi da Quinta de Belinho demolida em 1681.

Para se provar que o caminho passava pelo poente do cruzeiro, pedíamos a V. Ex.a Rev.ma uma vistoria ao local. O cruzeiro estava voltado para Antas e não para o caminho actual e não é verdade que estivesse em ruínas quando em 1921 a Junta de Belinho lhe tirou os degraus.

Tudo isto provamos com a tradição porque não temos outros documentos como Belinho não tem e quando os tiver a Junta desta freguesia fará entrega do cruzeiro pois procedeu certa de que lhe assistia esse direito. O R.do Pároco de Belinho sabe que isto é verdade, mas

porque foi imprudente, procura desculpar-se perante o povo, incriminando-nos de responsabilidade, e embora fosse a Junta desta freguesia que procedeu à mudança do cruzeiro, não podemos deixar de declarar a V. Ex.a Rev.ma que estamos incondicionalmente a seu lado para bem da nossa terra, cujos melhoramentos vêm provocando inveja aos vizinhos.

O R.do Pároco disse-nos que não tinha aproveitado o cruzeiro para comemoração dos centenários para não nos fazer desconsideração, o que prova dúvida o disse ao presidente da Junta de Belinho e outros «que os de S. Paio pretendiam o cruzeiro, mas que não se importava».

Tudo isto prova a incomitância dos argumentos apresentados a V. Ex.a Rev.ma. S. Paio de Antas, 20 de Julho de 1940».

Sabemos o resto da história, pois já aqui foi recordada há tempos; são águas velhas em que não adianta mexer.

Entretanto a estrada nova ia avançando. A 30 de Abril de 1941, a Junta tomava conhecimento da chegada da última prestação do Estado para o caminho de Belinho, a qual foi entregue ao empreiteiro «ficando assim liquidada toda a responsabilidade desta Junta, referente ao trabalho efectuado no citado caminho».

P. Dr. Adélio

BOM HUMOR

MENTIRAS PROFISSIONAIS

Aluno — Agora vou estudar.

Orador — Vou dizer apenas duas palavras.

Político — Eu só quero o bem do povo.

Criança — Não fui eu quem fez isto.

Comerciante — para si faço um preço especial.

Velhos — No meu tempo havia mais respeito.

Amiga — Bem sabes que não conto nada a ninguém.

Dentista — Não vai doer nada.

Empregado de mesa — Vou já atender.

Advogado — Eu não estaria aqui se não estivesse consciente da inocência do meu constituinte.

O QUE OS NOSSOS IDOSOS PENSAM... MAS NÃO DIZEM

«Felizes os que respeitam as minhas mãos enrugadas e os meus pés deformados.

Felizes os que falam comigo apesar dos meus ouvidos já não entendem bem as suas palavras.

Felizes os que compreendem que os meus olhos começam a não ver e as minhas ideias a ficar baralhadas.

Felizes os que com um sorriso perdem tempo a conversar comigo.

Felizes os que nunca me dizem: «É já a terceira vez que me conta essa história».

Felizes os que me ajudam a lembrar coisas de antigamente.

Felizes os que me dizem que gostam de mim e que ainda presto para alguma coisa.

Felizes aqueles que me ajudam a viver os últimos dias da minha vida».

— Que tens?

— Sinto-me incomodado pois comi um bife de cavalo e anda-me a dar a volta ao estômago.

— Então é porque era cavalo de circo.

EM PARIS: Encontrava-se um lavrador português em Paris. Já estava farto de tanto ouvir francês. Nisto ouvi cantar um galo.

— Ora, graças a Deus, exclama ele. Até que enfim já ouvi alguém falar português! Isto, sim, é uma linguagem que se entende.

— Um negociante de tripas, quando morreu, deixou o negócio ao filho. Este, continuando com o estabelecimento do pai, pôs sobre a porta o seguinte leitreiro:

Bacelar filho
Continua com as tripas de seu pai.

— Num santuário da província lia-se ainda há pouco este leitreiro:

AVISO AOS DEBOTOS
As peçouas que oferecer belas serão todas postas nos altares.

— Senhor Director, posso ocupar o lugar do meu colega Diogo, que morreu há uma semana?

— Isso não depende de mim. Vá falar com o coveiro...

— Italiano: — Muito me admira que, sendo S. António português, tivesse tão boa língua!

Português: — A mim ainda muito mais me admira que sendo S. Francis-

co italiano, gostasse tão pouco do dinheiro.

Realmente S. António tinha tão boa língua que até depois da morte ficou incorrupta. E S. Francisco, apesar de italiano, foi o Santo apaixonado pela pobreza.

Lógica

O médico ao seu colega:

— Ontem veio ter comigo um paciente com uma grande conspiração. Aconselhei-o a tomar alguma coisa que fosse quente...

— E então?

— Pegou no meu sobretudo e desapareceu!

Conquistador

Um conquistador senta-se diante de uma menina e não resiste:

— A menina é muito bonita.

A moça ficou corada. E ele continuou:

— A menina é um esplendor.

Ela, não suportando mais, responde:

— Já o mesmo não posso dizer de si!

— Então faça o mesmo que eu: mintá!

Muito tímida

— Minha senhora, tenho o prazer de lhe apresentar o senhor Fulgor, engenheiro electrónico de valor.

— Desculpe, senhor engenheiro, se não lhe aperto a mão: tenho medo de apanhar um choque!

Na aidela

É a primeira vez que o Toninho vê a mãe a depenar um frango. Pergunta-lhe:

— Mãezinha, despe-o antes de o deitar?

Bodas de Ouro Matrimoniais



Manuel Gonçalves Cardante, 76 anos e Amélia Rodrigues Meira (Martins Ledo), 72 anos, no passado dia 11 de Janeiro, celebraram o 50.º aniversário daquele dia feliz em que decidiram unir as suas vidas para sempre na presença de Deus, e em que o Senhor selou os seus compromissos matrimoniais com a presença viva de Cristo neste Sacramento. Naquele dia (há 50 anos), faltava-lhes alguma coisa que buscavam e que agora têm: os filhos (6) e netos (14) e bisnetos (2). Colheita maravilhosa daquilo que então não passava de flores de esperança.

Foi possível entoar-se um hino de louvor, de parabéns e de gratidão a estes esposos e pais cristãos.

A TV E O SEU FILHO

O Ministério da Juventude, Família e Saúde da República Federal Alemã, em 1980, encarregou um estudo ao especialista Heikê Mundseck sobre os efeitos da Televisão.

Este estudo foi publicado em livro com o título «A TV e o Seu Filho», de que se destacam os seguintes conselhos:

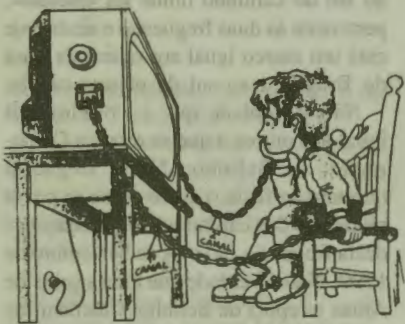
1.º — Ver com os filhos, todas as semanas, um programa escolhido por consenso. Convém que não vá além de 1 hora no máximo. Trocar depois impressões sobre o conteúdo. Levá-los a contar o que compreenderam e aprenderam.

2.º — Não deixar nunca sozinho diante do televisor as crianças, mesmo quando se trata de um programa que, embora infantil, pode ter cenas que as choquem.

3.º — Não permitir que se veja televisão às escuras, para não se concentrar a atenção exclusivamente no pequeno ecran.

4.º — Atenção às reacções dos filhos diante de qualquer programa. Se se observarem os seus movimentos, ver-se-á se estão nervosos, desassossegados e inquietos. É, por isso, importante sempre fazer perguntas sobre o que estão a ver.

5.º — Não dar, como prémio ou castigo, licença ou proibição para ver



TV. Os filhos seriam levados a pensar que a TV é um bem ou um mal, independentemente dos programas que apresenta.

6.º — Se se vir que a televisão está a influir negativamente no rendimento escolar, a diminuir a capacidade de concentração, é urgente que se suprima a Televisão por um certo tempo mais ou menos longo.

7.º — Não se faça uso da televisão simplesmente para matar o tempo livre dos filhos, ou para os conservar sossegados, sem «incomodarem» ninguém.

8.º — Ensinar com o exemplo. Se os pais assistem constantemente, a torto e a direito, à Televisão não podem estranhar que os filhos façam o mesmo, ou pelo menos o tentem fazer. A Televisão, para milhões de famílias, converteu-se num instrumento indispensável de que não se pode prescindir.

QUARESMA À VISTA!

Estaremos na Quaresma dentro de dias. É bom entrar nela com programas bem definidos de acção pastoral e de vida espiritual. Por isso, com antecedência calculada, consagramos esta coluna a este tempo forte do ano litúrgico que prepara as grandes celebrações da Páscoa.

ORIGEM E NATUREZA DA QUARESMA

Como é sabido, a Quaresma está ligada originariamente a duas venerandas instituições eclesiais: o catecumenado e a penitência pública. Daí o seu duplo carácter de tempo baptismal e de tempo penitencial.

Como tempo baptismal, corresponde à última fase da caminhada da fé dos adultos que se preparam para ambos os sacramentos da iniciação cristã (Baptismo, Confirmação e Eucaristia) na Vigília Pascal. Como tempo penitencial, convida a uma renovada conversão de vida, a culminar com a renovação dos compromissos baptismais na Páscoa da Ressurreição.

A penitência quaresmal é ao mesmo tempo arrependimento do mal praticado, sua expiação voluntária, desejo de reparação dos danos por ele causado e, sobretudo, conversão de

vida, não só na linha moral, mas sobretudo na linha da fé e vida de caridade cristã.

Tradicionalmente, são três as práticas de penitência quaresmal: jejum, oração e esmola. Jejum é abstenção do pecado, renúncia ao que leva a ele e desprendimento de quanto é obstáculo à plena comunhão com Deus. Oração é tudo que exprime o desejo e a vivência desta comunhão com Deus. A esmola é a designação englobante de todas as obras de misericórdia ou de caridade fraterna em favor dos irmãos.

Estas três práticas tradicionais são iluminadas e estimuladas pela palavra de Deus, que a Igreja prodigaliza aos fiéis na Quaresma, bem como por certos ritos e sinais da liturgia e ascese cristã: cinzas, abstinência de carnes, ausência de flores, paramentos roxos, etc.

RENÚNCIA QUARESIMAL EM BRAGA

Além das práticas de ascese, oração e caridade que cada cristão se disponha a cumprir ao longo da Quaresma, introduziu-se, nas dioceses, paróquias e associações de espiritualidade e apostolado, o costume das «renúncias quaresmais» comunitárias,

em favor de objectivos de piedade ou de bem-fazer.

A título de exemplo, lembramos que, na Quaresma do ano passado, a diocese do Algarve destinou a sua renúncia ao clero da diocese de Beja; a de Braga ao Centro de Recuperação de Drogados «Projecto Homem»; a de Lamego às obras do Seminário de Resende; a de Santarém à diocese da Guiné-Bissau; a de Setúbal aos Fundos Paroquiais e Diocesanos de Solidariedade; a de Viana do Castelo às obras do novo Seminário.

Na diocese de Beja, por deliberação anunciada pelo Sr. Arcebispo a renúncia quaresmal, este ano reverte para as obras em curso de restauro dos seminários.

Além de ser um meio de conseguir cobrir as despesas, esta renúncia quaresmal diocesana tem em vista o objectivo pedagógico de sensibilizar os fiéis à importância e ao significado para o Seminário, coração da Diocese.

No próximo número da Voz de Antas virá actualizada a lista dos 300 telefones de Antas (S. Paio).

ALCOOLISMO

PROBLEMA SOCIAL GRAVE

Álcool? E você!?

— Quanto mais a sua dose de álcool aumenta... mais você diminui



Existe em Portugal e também noutros países latinos, o hábito de acompanhar todas as refeições com vinho: todos os dias. E para rematar, um ou dois «bagaços». De manhã, o tradicional «mata bicho».

Bebe-se de forma sistemática e regular. Do norte ao sul do país. E quem bebe geralmente bebe bastante.

Na maioria dos casos, o hábito de beber álcool em excesso é adquirido muito cedo, na adolescência e na infância. Em alguns distritos do país, as crianças estão acostumadas a beber e vão para a escola já alcoolizadas. Noutras regiões (ou nas mesmas), e sobretudo no meio rural, as mães é desde o berço que alcoolizam os filhos, dando-lhes a chucha molhada em vinho, para os manter sossegados.

Segundo a Organização Mundial

de Saúde existe em Portugal um milhão de alcoólicos, facto que não surpreende uma vez que muitas crianças em idade escolar ingere bebidas alcoólicas. E deste milhão de bebedores, muitos conduzem automóveis, camiões, motorizadas, tractores, carroças. E todos são peões, caminham pelas estradas, atravessam ruas.

E há ainda aqueles que, embora não justificando a classificação de alcoólicos, bebem em excesso, com mais ou menos frequência.

Portugal é hoje e por causa disto, um dos países europeus de maior consumo de vinho.

Entretanto, o álcool arruína, destrói, mata. Está na origem da maior parte dos acidentes de trabalho e de viação, dos problemas da família e entre amigos e do elevado número de doenças mentais que, por hereditariedade, os alcoólicos transmitem às gerações futuras.

O álcool é a causa directa dum elevado número de mortes prematuras e um dos principais factores de doenças mortais. Porque é tóxico, atinge principalmente o fígado e o sistema nervoso.

O crescente e alarmante índice de criminalidade a que assistimos é em grande parte consequência do alcoolismo porque ele degrada a personalidade, o que torna a pessoa irresponsável dos actos que pratica. O mau ambiente do lar, com violência, medo e tensões, deixa marcas profundas nos filhos.

Evitemos o álcool. E ajudemos os outros a evitá-lo também.

O CARNAVAL



Dizem que o Carnaval nasceu com o homem. Seja como for, já há notícias dele no século VI antes de Cristo, na Grécia. Na Roma dos Imperadores celebrava-se com grandes cortejos de barcos ou de carros alegóricos. Há quem faça derivar o nome de Carnaval do «currus navalis» (carro naval) desses cortejos.

Mais provavelmente, o nome vem da expressão latina «carne vale» (adeus à carne), usada nos mosteiros para assinalar a entrada no período quaresmal da abstinência de carnes. Nalgumas regiões de Portugal ainda se fazia há anos a lavadura das panelas em que se cozia a carne, no chamado entrudo (do latim «introitus», entrada, entenda-se, na Quaresma).

É saudável que de vez em quando se possa quebrar as rotinas e tensões da vida, com uns dias de folia. Claro, que dentro dos limites assinalados pela virtude da temperança e no respeito dos direitos alheios.

Voz de Antas deseja aos seus leitores que o Carnaval lhes proporcione uns minutos de «diversão».

Eng.º Manuel Pacheco de Azevedo

• Vem da 1.ª pag.

alcance de muito poucos, os mecanismos reguladores da vida nos seus mais variados aspectos. As suas experiências, os seus contactos e a sua formação faziam delas não só apoios desejados mas também, e sobretudo, conselheiros e orientadores necessários.

Os tempo passaram, as condições de vida mudaram, as gerações sucederam-se, mas o reconhecimento e as amizades, esses, mantêm-se.

Não admira, pois, que todos sentíssemos tanto o recente e inesperado desaparecimento daquele que, além do mais, foi um dos grandes pilares do muito que, num passado não muito distante, em S. Paio de Antas se fez.

As vidas são rápidas e as memórias curtas. Por isso, só os conterrâneos não jovens poderão, hoje, lembrar e sentir ainda verdadeiramente o quanto de heróico foi preciso, há 30 anos, para a construção do nosso Salão Paroquial.

Para bem o compreender, teremos de nos situar no tempo, cujas circunstâncias eram bem diferentes das actuais. Ninguém, nos meios rurais, tinha qualquer direito a assistência médica, a abono de família, a subsídios ou a reforma. Em princípio, ninguém podia contar senão consigo mesmo para, economicamente, resolver os próprios problemas e os da família, resolução, em si, dependente de uma vida de trabalho duro, inseguro e mal remunerado. Tudo isto dominado ainda por uma guerra colonial que, além da tranquilidade e das reservas, nos levava os jovens...

Pois foi nesse tempo e nessas circunstâncias que o nunca de mais lembrado Sr. P.º Apolinário, apoiado unicamente na sua total confiança em Deus e na boa vontade e união dos seus paroquianos, materializou o velho sonho de possibilitar as exigências de uma nova metodologia de acção evangelizadora latente em toda a Igreja, que

viria a concretizar-se, pouco depois, no Concílio Vaticano II.

Para isso ele pôde contar, desde a primeira hora, com a compreensão e ajuda incondicional, entre outros, do Sr. Eng.º Azevedo e familiares.

Só aqueles que mais de perto acompanharam a evolução de tão importante obra puderam apreciar, em profundidade, o valor material e psicológico destas ajudas, sobretudo depois de verificado o cansaço e progressivo desgaste físico do seu mentor.

Além do mais, quantas viagens do Porto a S. Paio em dias de ofertas anónimas, só para que, satisfazendo também o seu desejo de participar, os montantes atingissem números animadores! Quantos encontros ocasionais(?) para se dirigir uma palavra amiga e reconfortante a quem sentia, dia a dia, fugir-lhe as forças ainda tão necessárias! Quanta arte e jeito foram necessários para que a dor não fosse tão profunda, quando da separação de uma causa a quem tinha dado tudo mesmo a própria saúde!

Em todos estes momentos, a mão amiga do Sr. Eng.º Azevedo, ao lado de outras, fez-se sentir discretamente, como é natural num Homem da sua formação humana, intelectual e religiosa... fazendo sempre render as suas faculdades...

Como Engenheiro Agrónomo, ele foi sempre pioneiro e conselheiro na modernização da agricultura. Ao lado do Sr. Miguel, seu irmão, outro braço forte que S. Paio não pode esquecer, ele foi sempre pugnando pela adaptação a novas circunstâncias, encorajando e orientando aqueles que lhe pediam conselho, testemunhando-o nas suas antigas quintas das Ribes e da Cachada.

Pela sua ajuda, pelo seu exemplo e pela sua amizade, S. Paio não poderá esquecer este modelo de Homem que sempre quis dar-lhe tanto de si mesmo.

ANTÓNIO SALEIRO

ANTAS FUTEBOL CLUBE

O Antas Futebol Clube realizou no passado dia 3 de Fevereiro um cortejo de angariação de fundos para a manutenção do Clube. Esta campanha de sensibilização dos adeptos (e não adeptos) para um maior e crescente apoio às actividades desenvolvidas pelo clube está a corresponder às expecta-

tivas. Posteriormente, será divulgado o saldo do Cortejo.

Com esta angariação de fundos pretende-se construir novas instalações para a prática de desporto das camadas mais jovens e incentivá-la, bem como a manutenção do Clube na I Divisão Distrital. O A.F.C. ocupa,

neste momento o quarto lugar da tabela classificativa e ainda é um potencial candidato ao primeiro lugar.

Tudo está bem, quando acaba bem. Tudo tem corrido pelo melhor. O A.F.C. agradece a todas as pessoas que colaboraram nesta iniciativa e todo o apoio manifestado e empenhar-se-á em que esse apoio se manifeste duradouro.